

# Pesca no Estuário

Mário Baptista



O estuário do rio Tejo, com a sua beleza peculiar e humores apoiados por ventos e marés, é também um viveiro natural onde podemos encontrar “aqueles” que procuramos, em quantidade e qualidade significativas.

Neste artigo procura dar-se uma panorâmica das técnicas, dos peixes e das formas de usar a embarcação na sua captura, baseada na prática e resultados já conseguidos, assim como na informação recolhida junto de velhos homens de estuário e através de pesquisa documental.

## **Breve noção de Estuário**

O estuário de um rio é a zona que vai da foz até ao ponto onde as marés fazem sentir a sua influência.

Com efeito, trata-se de uma zona riquíssima ao nível da biodiversidade, os detritos e sedimentos depositados criam as condições ideais para a proliferação do zooplâncton que como sabemos constitui a base da cadeia alimentar.

Por este motivo, o estuário é um ecossistema utilizado para a nidificação ou crescimento de uma grande variedade de peixes.



## **A pesca desportiva no estuário**

Tal como os peixes, também um grande número de pescadores tem o seu “começo” num estuário. Com efeito, quase todas as técnicas de pesca são aí possíveis e é muito frequente ver neles miúdos acompanhados pelos pais a fazerem a sua iniciação.

Um estuário está normalmente rodeado por cidades e grandes pólos habitacionais, o que se traduz por bons acessos, sendo por isso utilizado para pescarias de ocasião ou pesqueiro permanente dado serem águas que podem proporcionar bons exemplares.

## **Os peixes do estuário**

A comunidade estuarina varia em função da época do ano e são raros os peixes que habitam ali em permanência. Há os que utilizam o estuário como viveiro, os anádromos, os catádromos e os ocasionais.

### **Espécies residentes**

- Charroco
- Corvina-legítima

### **Espécies que utilizam o estuário como viveiro (nursery)**

- Robalo
- Linguado
- Sargo
- Dourada
- Choupa
- Ruivo
- Patruça
- Faneca
- Polvo
- Lula

### **Espécies migradoras anádromas**

São espécies que habitam águas marinhas mas migram para os estuários para se reproduzirem.

- Sável
- Savelha ou Saboga
- Lampreia

- Taíinha-liça e Taíinha-garrento
- Choco

### **Espécies migradoras catádromas**

São espécies que vivem nos estuários e na água doce mas que se reproduzem no mar.

- Enguia
- Taíinha
- Taíinha-fataça

### **Espécies ocasionais**

- Carpa
- Barbo
- Safio ou Congro
- Carapau
- Raia-lenga
- Raia-curva
- Pata-roxa
- Cação

Nestes grupos existem mais espécies, mas não têm interesse para a pesca desportiva.

## **Técnicas de pesca**

Embora sejam possíveis de executar as técnicas de pesca apeada, este artigo visa essencialmente a pesca embarcada no estuário.

Nesse contexto, iremos considerar apenas a pesca fundeada, a pesca à rola e o corrico ligeiro.

## **Pesca fundeada**

Trata-se de uma pesca que se pratica com o barco devidamente fundeado através de uma fateixa no fundo.

Dependendo da zona, os fundos oscilam entre os 7 e os 25m, pelo que a forma como se pesca tem a ver com a profundidade. Se em cima dos 20m ela é indiferente, em fundos de menor cota convém estabelecer uma “zona de pânico”, já que todo o ruído a bordo, incluindo o “chapinhar” do próprio barco, terá influência no comportamento do peixe. Convém neste caso pescar a uns 15 ou 20m do barco.

## **Pesca aos diversos**

Esta modalidade é dirigida à choupa, sargo, ruivo, alcorraz carapau e faneca, essencialmente.

No que respeita a canas, pessoalmente opto pelas de acção parabólica, comprimentos entre os 3 e os 3.60m, com várias ponteiras.

Estando-se a pescar a baixa profundidade e com estralhos muito finos, sempre que entre um exemplar de maior porte, a sua elasticidade progressiva dá uma segurança acrescida.

Relativamente a carretos e também devido às profundidades a que se pesca, qualquer modelo entre o 4500 e o 6000 resulta bem.

No capítulo das linhas do carreto e para os adeptos dos multi, 0.17 a 0.22, com baixada em mono de 0.35 para amortecimento. Nos monofilamentos, usa-se o 0.35 por norma.

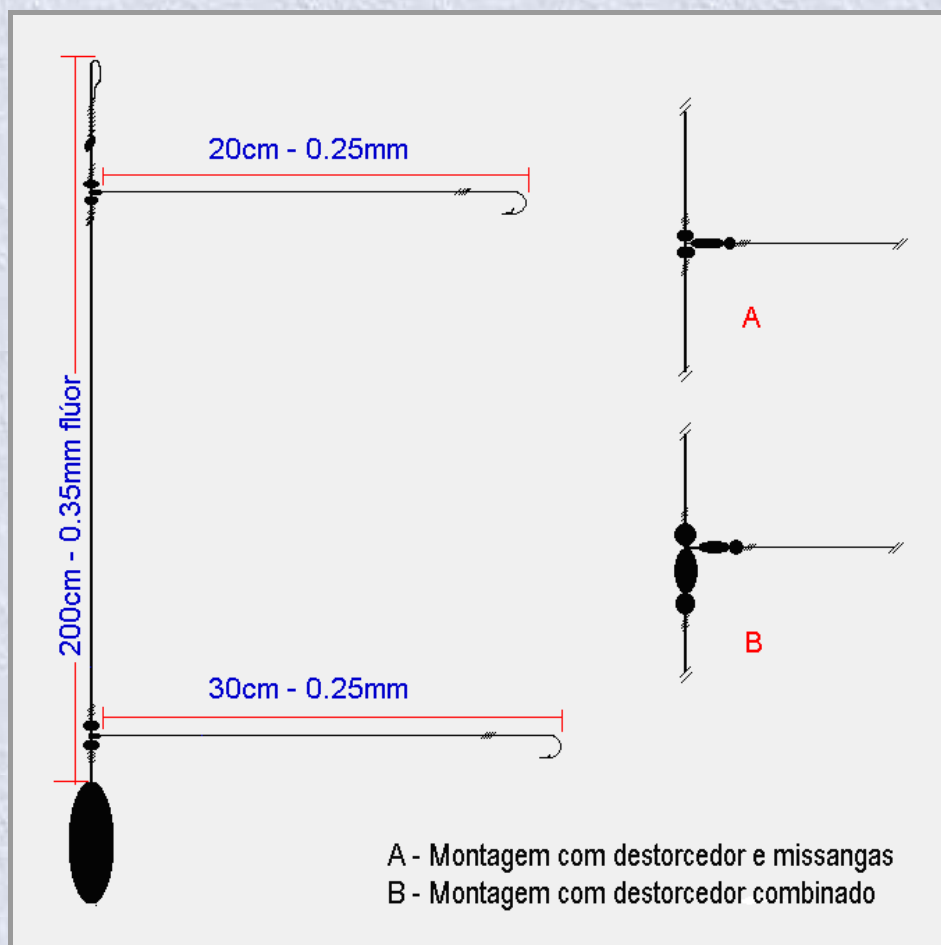
As montagens a utilizar serão as convencionais, de dois ou três estralhos curtos (20cm).

Para os estralhos usa-se do 0.18 ao 0.30, em fluoro ou normal.

Em termos de anzóis, a escolha recai nos de carbono, dependendo do isco o seu formato e cor. Tamanhos do 1 ao 4.

As chumbadas terão o formato de lágrima ou de pêra e peso variável, sempre em função da corrente.

Iscos: ameijoas, gamba, sardinha, anelídeos e navalha.



### **Pesca aos diversos com engodador**

Idêntica à modalidade anterior, apenas com a particularidade do uso de engodador.

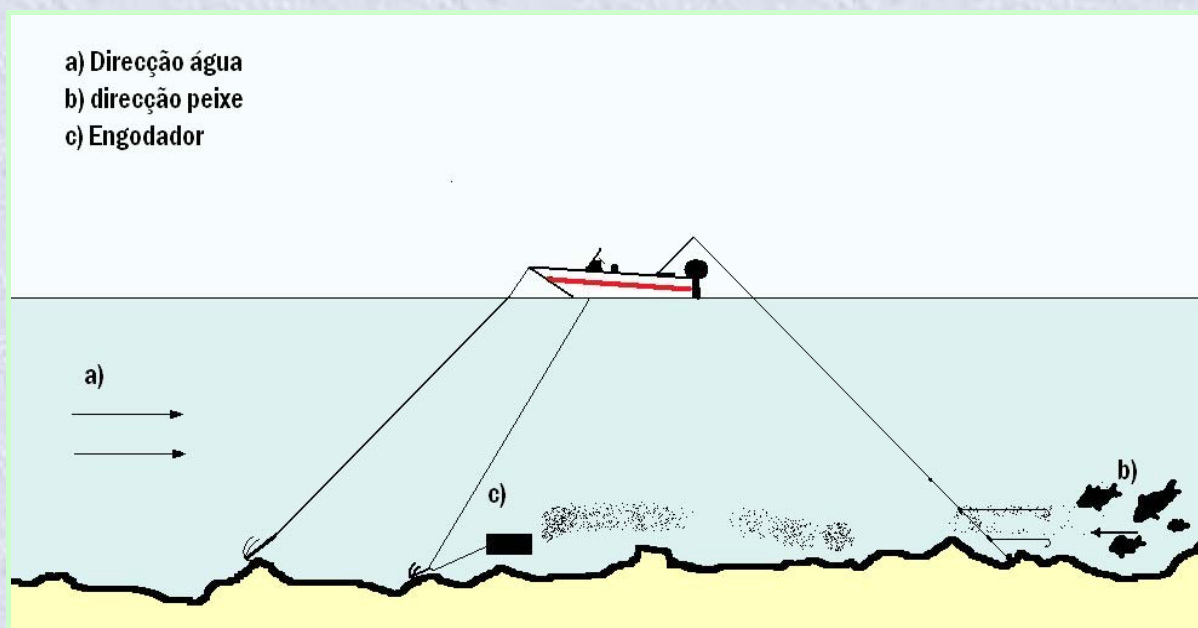
Sempre que constatamos que o peixe desaparece ou reduz a actividade tendemos a levantar ferro mas por vezes podemos

tentar contrariar esse contratempo estimulando e incutindo o frenesim alimentar através da colocação de engodo na água.

O engodo por norma consiste na “universal” sardinha, bem moída e ligeiramente aguada para que saia com alguma facilidade pelos furos do engodador.

A ideia é formar um rasto de partículas em suspensão que conduzam o peixe às iscadas dos nossos anzóis. Porém, temos de ter em atenção alguns princípios sob pena de fazermos sair o peixe do pesqueiro em vez de o atrair.

Como sabemos o peixe nada por norma contra a corrente, logo se estamos fundeados ele aparece-nos pela popa do barco. Aproveitando este princípio, teremos de colocar o engodador em relação à posição do barco e à corrente predominante de forma a criarmos uma esteira de partículas e odores que passe por debaixo do barco no sentido proa – popa e assim fazermos com que o peixe ao detectar o engodo avance ao encontro do mesmo e se depare com os nossos anzóis.



O engodador consiste num tubo de PVC de 11cm de diâmetro e cerca de 50cm de comprimento, furado e tapado nos dois topos, que fixa no fundo através duma pequena fateixa ou ferro de abrir.



### **Pesca à rabadela**

Trata-se de pesca pesada, normalmente executada na força da água e direccionada aos pesos pesados do estuário (douradas, sargos, corvinas e robalos), normalmente grandes exemplares que evoluem nas fortes correntes da enchente.

As canas devido aos pesos envolvidos são as que normalmente se utilizam na pesca grossa, assim como os respectivos carretos.

A montagem desta modalidade é um pouco diferente do habitual: outrora com muitos anzóis, hoje e perante a lei só é possível pescar com três, montados em derivação numa madre, terminando a mesma no terceiro anzol.

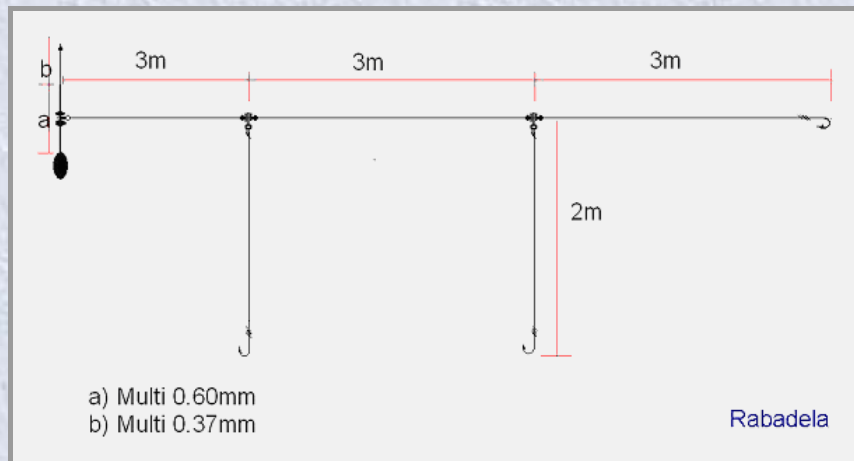
Esta montagem é executada em monofilamento 0.50 que liga a 3 metros de multi 0.60 através de destorcedor triplo que por sua vez une à linha do carreto, um multi 0.37.

A escolha dos anzóis recai nos de aço inox nos tamanhos 1 a 5/0. As chumbadas variam entre os 600 e os 1500gr, dependendo da corrente e das marés.



Há que ter especial atenção aos acessórios que devem ser de excelente qualidade pois podem ter de medir forças com grandes exemplares de dourada ou corvina.

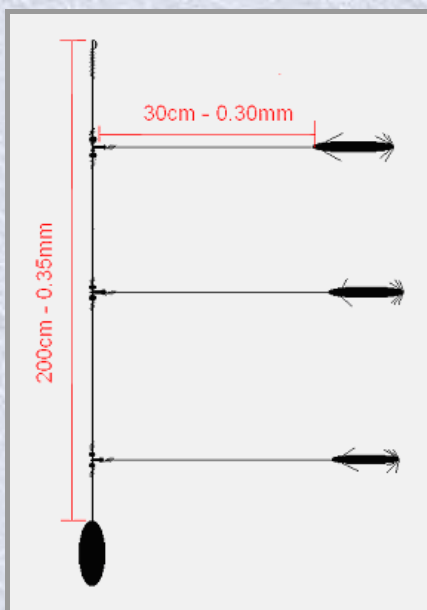
Iscos: caranguejo, navalha, choco, sardinha e casulo.



### Pesca à lula

Normalmente feita com o recurso à utilização de fonte luminosa alimentada por baterias de 12V ou geradores de 220V.

Essencialmente praticada de noite, esta pesca visa atrair a “comedia” à luz o que por sua vez atrai as lulas.



É praticada com montagens semelhantes às usadas na pesca embarcada só que em vez de isca usam-se palhaços, que se fazem trabalhar por debaixo da luz a várias alturas até as localizar.

**Dica:** uma vez localizadas as lulas, reduzir a luz tem por norma o efeito de as fazer subir à tona de água, o que facilita a sua captura.

### **Pesca à rola ou à deriva**

Sendo tanto os fundos como as espécies a capturar os mesmos que na pesca fundeada, esta técnica tem a vantagem de cobrir grandes zonas de pesqueiro e detectar actividade em qualquer fundo. Aliás, é muitas vezes utilizada para evitar perder-se tempo e esforço a largar ferro em pontos sem interesse ou com leituras de sonda indefinidas. Permite ainda desenvolver outras técnicas de pesca.

### **Pesca “aos diversos”**

Através de sonda ou de marcas em terra navegamos até nos situarmos em cima do fundo pretendido, desligamos o motor e largamos a montagem para o fundo. Como vamos estar em movimento ao sabor da corrente ou do vento esticamos a linha e tacteamos o fundo com a chumbada em movimentos precisos até detectarmos peixe e assim determinarmos a “zona quente”.

A partir daqui fazemos várias derivas sobre esta zona até diminuïrem os toques.

Se numa destas derivas detectarmos um ponto bastante activo, podemos largar ferro e passamos a pescar fundeado nesse ponto.

Não se esqueça de antes de levantar ferro, tirar as marcas de referência do pesqueiro, assim como notas acerca do estado da maré, iscos e espécies capturadas.



Com este procedimento ficará com informação detalhada para uma próxima jornada.

### **Pesca à lula**

Utilizando a montagem mencionada na pesca fundeada e aproveitando as fracas correntes junto aos estofos de maré ou uma ligeira brisa, largamos as montagens até baterem no fundo, subimos uma braça, colocamos as canas no suporte e derivamos sempre atentos às ponteiras.

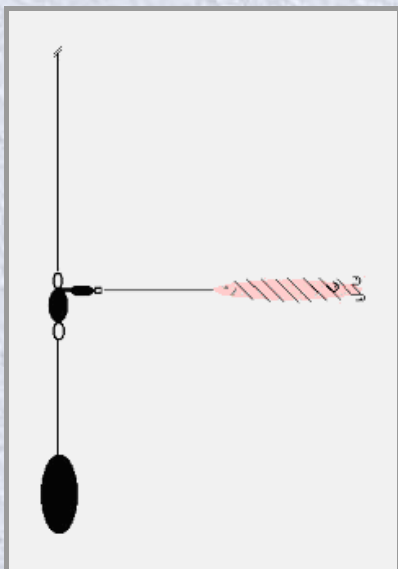
Ao menor sinal de toque (dobrar da ponteira) elevamos a cana e recolhemos lento mas sem paragens até à superfície.

## **Pesca ao polvo**

Uma pesca semelhante à da lula mas que difere na montagem e no modo de a trabalhar.

Toda a actividade se desenrola nas paragens da água ou em “águas mortas” uma vez que o polvo tende a entocar com a força da água.

Devido ao peso da montagem e à sensibilidade exigida é uma pesca que se pratica com linhas de mão. Madre de 1.50 a 2.00 com ligação a 5m de mono 0.70, terminada numa chumbada de 400 a 600gr, dependendo da corrente.



No “ponto quente” (análise dos fundos, tipo de fundos, aglomerado de embarcações em actividade), largamos as pescas para o fundo, de seguida esticamos as linhas e começamos a tactear o relevo muito atentamente.

Os toques podem surgir de duas maneiras: uma prisão súbita ou um aumento gradual da pressão. Devemos ferrar firme e nunca aliviar a tracção até à superfície, altura em que lhe devíamos

cravar o bicheiro (proibido na nova lei), não nos restando agora outra alternativa senão o uso do xalavar, tarefa que se pode revelar complexa se se tratar de um exemplar grande.

Iscos: carapau, cavala, sardinha, taíinha e palhaços grandes (de 20cm).



### **Pesca ao choco**

Esta modalidade é praticada normalmente sobre fundos de areia com as montagens da lula.

Aproveitando uma corrente suave ou a brisa, largamos a montagem para o fundo, fechamos o carreto e deixamos arrastar pela areia até sentir o toque, que se traduz num dobrar da ponteira. Neste momento levantamos a cana e recolhemos a linha lentamente e sem paragens até à superfície, altura em que se recolhem os chocos com o xalavar.

### **Pesca à zagaia**

Esta modalidade consiste no uso de uma pequena zagaia até 100gr e visa a captura dos predadores do estuário: robalos e corvinas.

Colocado o barco num ponto que se sabe “quente” ou pelo avistamento de aves a “picar na água”, larga-se a zagaia para o fundo e vamos efectuando recolhas com animações da zagaia, simulando uma presa em dificuldades.

Neste caso usa-se uma cana de zagaia não muito “rija” mas com poder suficiente para lutar com bons exemplares que por vezes nos surpreendem.

Em termos de carreto, qualquer 5000 ou 6000 resolve a maior parte dos “problemas”.

E a linha, um multifilamento 0.25 ou um bom mono (duro) 0.40.

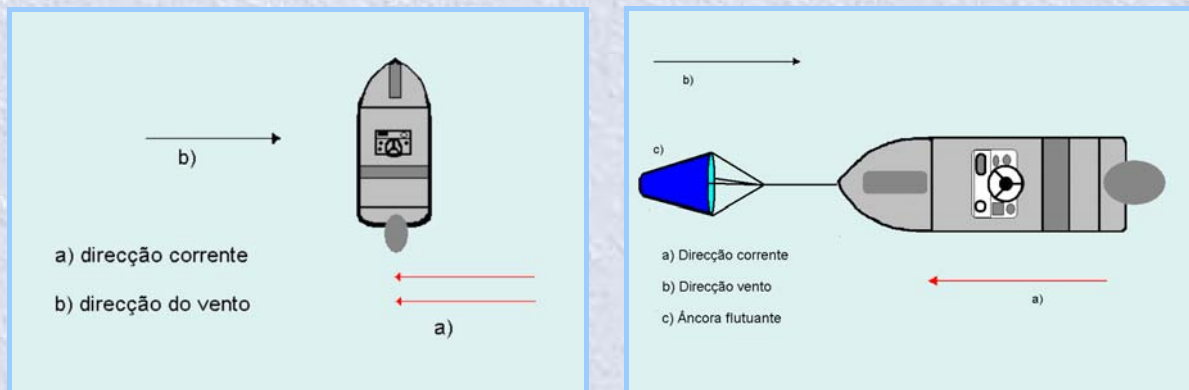
### **Pesca à rola com deriva controlada**

Há momentos na nossa jornada em que o vento aumenta de intensidade e para agravar as coisas a sua direcção é contrária à da corrente. A acção de pesca fica inviabilizada, os enrocamentos da montagem aumentam e a apresentação das iscadas torna-se contranatura, uma vez que ao invés de acompanharem a corrente se deslocam no sentido oposto.

Para contrariarmos este problema existe um acessório que se revela eficaz: a âncora flutuante.



Trata-se de um utensílio em forma de funil que se fixa à proa do barco através de um cabo, criando desta forma uma aderência à água que faz com que o barco aprobe ao vento e diminua substancialmente a deriva criada por este.



## **Pesca ao corrico**

Também no estuário se pode desenvolver esta modalidade de pesca, nomeadamente na barra do rio.

Ela é por excelência um território de caça para os predadores, que aproveitam a entrada e saída do rio de uma enorme quantidade de alevins e crustáceos, o que pode proporcionar jornadas incríveis.

A pesca ao corrico consiste em rebocar pela popa do barco um ou dois artificiais a uma velocidade entre dois e quatro nós, batendo várias profundidades e tipos de fundo, tentando desta forma localizar os cardumes de robalos ou de outros predadores em actividade.

Os artificiais a usar nesta modalidade vão desde os hardbaits aos softbaits. Com efeito, tanto podemos usar amostras de superfície como afundantes, passando pelos vulgares redgill e pingalins

diversos. A intenção é mesmo simular uma presa fácil em evolução numa zona com actividade predatória.

Em termos de material, embora se possa usar material de pesca grossa, o mais indicado serão canas de zagaia ou similares, uma vez que nem os exemplares existentes nem os artificiais justificam material pesado.

Um carreto 10000 resolve a maior parte das situações, bastando que tenha um drag preciso e bem afinado.

As linhas serão um multifilamento 0.22 a 0.25 ou um bom mono 0.40 a 0.45.



Em conclusão, julgamos ter aqui relatado as características essenciais dos vários tipos de pesca que se podem praticar no estuário, um ecossistema rico e variado onde inúmeras espécies



passam as primeiras fases da sua evolução devido à existência de um manancial de alimento proporcionado pela riqueza dos seus fundos.

Muito por certo ficou por dizer.

Oportunamente, voltaremos a abordar o estuário noutras vertentes, nomeadamente a navegação com segurança e a triangulação de marcas.

Julho de 2009